

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E AS REDES SOCIAIS: INTERAÇÃO E TROCAS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Elaine Hipólito dos Santos Costa (Unifesp) - biblioteka.osasco@unifesp.br

Maria Claudia Ferreira Barbaresco (Unifesp) - barbarescomc@gmail.com

Maria Rosa Carnicelli Kushnir (Unifesp) - rosa.kushnir@unifesp.br

Andreas Leber (UNIFESP) - andreas.leber@unifesp.br

Resumo:

Com o avanço da internet, o contato entre pessoas de diferentes países se tornou mais próximo. As redes sociais passaram a funcionar também como uma rede profissional virtual na qual pessoas com o mesmo interesse debatem e compartilham novidades umas com as outras. As bibliotecas, em busca de acompanhar o desenvolvimento tecnológico e serem ativas na comunicação, estão usando ferramentas que permitem às instituições maior interatividade e comunicação na relação com os usuários reais e potenciais, atingindo públicos inimagináveis. O objetivo deste trabalho é analisar o uso de blog e facebook como ferramentas de comunicação da biblioteca da Unifesp Campus Osasco - EPPEN e como eles podem colaborar para compartilhamento e criação de conhecimentos e de Intelectuais coletivos, como espaços de interação e trocas e sendo agentes na construção do conhecimento. Para tal, usaremos a abordagem conceitual de Pierre Lévy.

Palavras-chave: *Inovação. Redes Sociais. Bibliotecas Universitárias.*

Área temática: *Eixo 1 - Gestão sustentável*

Subárea temática: *Acessibilidade (produtos, serviços e tecnologia)*

1 Introdução

É recorrente lermos que as bibliotecas universitárias são recursos educacionais e que devem promover o acesso à informação, auxiliando o tripé ensino-pesquisa-extensão. Porém, ao aceitarmos que a biblioteca é um recurso, corremos o risco de vê-la apenas como um acervo, uma depositária de livros.

A rápida evolução de ferramentas tecnológicas tem tornado obsoletas bibliotecas que somente possuem acervos físicos e passam os dias à espera de usuários. Numa era de internet, redes sociais, compras *on-line*, e-mail, *smartphones* e *tablets*, não é possível esperar os usuários, as bibliotecas têm que inovar e buscar formas de interagir com eles.

Atualmente, as redes sociais estão presentes em todos os níveis e segmentos da sociedade e, na ciência, não é diferente. Elas possibilitam maior interação entre os atores envolvidos no processo – autores, leitores e editores – de maneira rápida, imediata e interativa, apontando para novas práticas de comunicação e informação, ampliando a visibilidade e alcance das pesquisas realizadas e sua disseminação para a comunidade específica e sociedade em geral (PRÍNCIPE, 2013, p. 199).

Assim, nos questionamos sobre o papel das bibliotecas universitárias dentro do que Lèvy chamou de “intelectuais coletivos”. E, ainda, se e como as redes sociais podem contribuir para que a biblioteca seja um espaço de trocas e agente na construção de conhecimentos.

A justificativa deste trabalho se dá por, estando em ambiente universitário, percebermos um aumento na demanda por serviços e produtos virtuais, sendo as redes sociais um canal que oferece interação entre a biblioteca e os usuários.

O presente trabalho tem por objetivo apontar a forma e a importância que as redes sociais da biblioteca possuem no papel de construção do conhecimento coletivo, quando compartilha informações e oferece produtos e serviços aos seus usuários.

2 Revisão de literatura

2.1 As bibliotecas universitárias

As bibliotecas universitárias fazem parte da infraestrutura acadêmica e sua relevância vai além das avaliações do MEC ou de uma rotina de circulação (empréstimos, renovações e devoluções) de materiais impressos e, ainda de modo incipiente, recursos multimeios ou digitais. Os produtos e serviços oferecidos são diversificados e continuamente ajustados para atender as demandas pedagógicas e acadêmicas da instituição na qual faz parte.

Cunha (2000) previa que a biblioteca universitária poderia ocupar o importante papel de ser um dos suportes básicos na provisão de informação dentro dos programas de ensino à distância. O sucesso das atividades de uma universidade virtual estaria relacionada à dependência de um acervo digital para que houvesse ligação mais estreita entre os programas de ensino formal e aqueles próprios do ensino à distância (CUNHA, 2000, p. 84).

Ainda para Cunha, nosso maior desafio seria o de acabar com aquilo que nos impede de responder às necessidades de uma clientela em mudança, transformar os processos e estruturas administrativas que caducaram e questionar as premissas existentes (CUNHA, 2000, p. 88).

No âmbito da comunicação científica, “as bibliotecas possuem duas funções básicas: atuar como um arquivo de publicações e torná-las disponíveis para os sujeitos. Essas funções são inter-relacionadas” (MEADOWS, 1999, p. 134). No caso específico da biblioteca universitária suas funções estão voltadas para a comunidade acadêmica.

As bibliotecas universitárias devem ser hoje, na concepção de González de Gómez (2011, p. 240), parte das expectativas e possibilidades da construção dos espaços comuns do conhecimento, aliando as potencialidades das tecnologias de informação com as energias reflexivas e produtivas de seus processos infocomunicacionais, como sua contribuição para tornar permeáveis e interativas as esferas públicas internas dos campos disciplinares e as esferas práticas e instrumentais das complexas sociedades contemporâneas.

As bibliotecas como fundamentais instituições do conhecimento já eram parte da aventura científica e participavam de algum modo da expansão da incipiente indústria editorial, serão incorporadas e ressignificadas à luz das plurais funções que convergem na universidade moderna (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2011, p. 227).

2.2 As redes sociais

A ideia de rede social começou a ser utilizada no início do século XX como forma de identificar as relações entre os vários elementos de um sistema social nas suas diferentes dimensões e o primeiro uso do termo “rede social” data de 1933, quando o psiquiatra Jacob Levi Moreno apresentou a ideia da utilização de diagramas e matrizes para o estudo de relações entre pessoas.

A noção de rede social também está sendo desenvolvida na Antropologia social tendo em vista a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias (BARNES, 1987, p. 163).

Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e a adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas, Castells (apud MARTINHO, 2003, p. 10).

Para Castells, a sociedade em rede busca esclarecer a dinâmica econômica e social da nova era da informação. As relações que a empresa mantém com suas principais clientelas podem tanto ser um diferencial de concorrência quanto seus produtos ou serviços principais; o modo como a empresa distribui informações e sistemas é elemento essencial na força de suas relações; estar conectada não é mais adequado: as relações empresariais e as comunicações que as sustentam devem existir na trama da “rede”. O modelo global em rede abre a infraestrutura informática da empresa a todas as principais clientelas, impulsionando a rede para conquistar vantagem perante a concorrência (CASTELLS, 2011, p. 225).

Marteletto divide as redes em primárias e secundárias. As redes primárias dizem respeito às relações significativas que uma ou mais pessoas estabelecem cotidianamente ao longo de suas vidas (relações de familiaridade, parentesco, vizinhança, amizade, entre outros) e que respondem ao processo de socialização dos indivíduos. O processo é autônomo, espontâneo e informal (MARTELETO, 2009, p. 29). “As redes secundárias formam-se pela atuação coletiva de grupos, instituições e movimentos que defendem interesses comuns (...) Rede social é entendida como uma forma de ação coletiva, resultado de um processo social mais amplo” (MARTELETO, 2009, p. 31).

2.3 Bibliotecas e redes

O tema bibliotecas universitárias e redes sociais é abordado na literatura de forma ampla, como em Maness (2007, p. 48),

(...) muitas das funções das bibliotecas ao longo da história têm sido proporcionar um lugar de reunião comum, um lugar de compartilhar identidade, comunicação, e ação. Redes sociais permitiriam que

XIX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO AGENTE DE SUSTENTABILIDADE INSTITUCIONAL

bibliotecários e usuários não somente interagissem, mas compartilhassem e transformassem recursos dinamicamente em um meio eletrônico. Usuários podem criar vínculos com a rede da biblioteca, ver o que outros usuários têm em comum com suas necessidades de informação, com base em perfis similares, demografias, fontes previamente acessadas, e um grande número de dados que os usuários fornecem.

Para Burke (2003), “a biblioteca aumentou de importância, assim como de tamanho depois da invenção da imprensa. Dentro da universidade, começava a rivalizar com a sala de conferências, pelo menos em certos lugares” (BURKE, 2003, p. 56). Ele ainda relata que nessa época, algumas bibliotecas não-universitárias passaram a ser locais de “troca de informações e ideias”.

Os espaços públicos das cidades facilitavam a interação entre homens de ação e homens de conhecimento, entre nobres e artesãos, entre o trabalho de campo e o gabinete, em suma entre diferentes conhecimentos. As formas de sociabilidade tinham - e ainda têm - influência sobre a distribuição e até mesmo sobre a produção do conhecimento (BURKE, 2003, p. 57).

Burke (2003) também trabalha o conceito de República das Letras ou Comunidade do Saber, uma comunidade internacional dos estudiosos em que as diferenças de religião eram transcendidas pela cooperação entre os pares.

Já Le Coadic (1996) fala sobre os atores da comunidade científica explicando como elas funcionam. O pesquisador transfere gratuitamente as informações que tem e, em troca, tem confirmações de indivíduos que querem se tornar cientistas. Segundo Castells (2011), diante da renovação das tecnologias e do processamento, ocorrida no século XX, os suportes passaram a apresentar alternativas de comunicação, devido a sua capacidade de convergência. Assim, os usuários, antes meros consumidores da informação, se transformaram em usuários-criadores, produzindo e questionando o conteúdo encontrado na rede. Para Castells:

Há uma grande interpenetração entre os meios de comunicação de massa tradicionais e as redes de comunicação baseadas na internet. As mídias tradicionais estão usando blogs e redes interativas para distribuir seu conteúdo e interagir com a audiência, misturando modos de comunicação verticais e horizontais (CASTELLS, 2011, p. xv).

Nesta perspectiva interacional, a biblioteca aparece como mediadora e colaboradora de seus usuários. Maness (2007, p. 45) utiliza o termo “biblioteca 2.0” para definir “a aplicação de interação, colaboração, e tecnologias multimídia baseadas em web para serviços e coleções de bibliotecas baseados em web”.

A biblioteca passa, então, a ser o centro e componente de uma comunidade colaborativa focada em descobertas, capaz de criar vínculos entre grupos e indivíduos. Para Mondini,

Fazer parte de comunidade das Instituições de Ensino Superior estabelece uma relação de pertencimento, reforça o vínculo institucional dos alunos com a instituição e promove as interações sociais dos alunos em um âmbito maior do que apenas a troca com os colegas do próprio curso (MONDINI et al., 2012, p. 52).

Por sua vez, Alguliyev et al. (2015) trabalham o conceito de bibliotecas digitais, que consistem em compartilhamento, troca, relacionamento, cooperação, o que revela os aspectos sociocêntricos e sociotécnicos desse ambiente.

2.4 Inteligência coletiva

Para tratar mais especificamente sobre o tema das interações sociais, será abordado o conceito de Inteligência coletiva de Pierre Lévy. Para ele, esta é uma inteligência distribuída por toda parte, valorizada, coordenada em tempo real, causando mobilização efetiva das competências. A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas (LÉVY, 2007, p.28).

Para Lévy (2007, p. 30), ao valorizarmos o outro de acordo com seus saberes contribuimos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos.

Para o autor, a coordenação das inteligências em tempo real baseia-se nas tecnologias digitais da informação, possibilitando que a comunidade coordene suas interações no mesmo universo virtual de conhecimentos (LÉVY, 2007, p. 29). Isso também torna necessário identificar competências, ou seja, reconhecê-las em sua diversidade.

Assim, os saberes oficialmente válidos só representam uma ínfima minoria dos que hoje estão ativos. Essa questão do reconhecimento é capital, pois ela não só tem por finalidade uma melhor administração das competências nas empresas e nas coletividades em geral, mas possui igualmente uma dimensão ético-política (LÉVY, 2007, p. 29).

Ao aceitar como fato que essa inteligência é valorizada e distribuída por toda parte, Lévy propõe que passemos do fato ao projeto:

Pois essa inteligência tantas vezes desprezada, ignorada, inutilizada, humilhada, justamente por isso não é valorizada. Numa época em que as pessoas se preocupam cada vez mais em evitar o desperdício econômico ou ecológico, parece que se dissipa o recurso mais precioso, a inteligência, recusando-se a levá-la em conta, desenvolvê-la e empregá-la (LÉVY, 2007, p. 29).

Então, pensamos em indivíduos “singulares, múltiplos, nômades e em via de metamorfose”, que interagem (LÉVY, 2007, p. 31). Assim sendo,

Os intelectuais coletivos são as comunidades humanas comunicando consigo mesmas, pensando a si próprias, partilhando e negociando permanentemente suas relações e seus contextos de significações comuns (...). O mundo de um intelectual coletivo não tem nada de estável e objetivo. Resulta de aberturas, elaborações, usos e avaliações mutantes, continuamente reiteradas. De tal modo que esse mundo deriva e transforma-se no ritmo das metamorfoses de seu intelectual coletivo (LÉVY, 2007, p. 169- 70).

2.5 Biblioteca como fator para trocas, experiências e saberes

As interações sociais propiciam a formação de redes com pontos de convergência para a troca de informações. Dessa forma, acredita-se que as redes sociais poderiam atuar, principalmente, como um canal de comunicação entre a biblioteca e seus usuários e vice-versa, bibliotecas e outras bibliotecas, e até mesmo entre os próprios usuários entre si (AGUIAR, 2012, p. 64).

Existem sim desvantagens no uso de mídias sociais, porém, para ajudar na interação com seu público elas cumprem um papel bem eficiente em comunicação. Afinal, através de sua comunicação comumente mais informal e de caráter dinâmico, acabam por atrair visitas que podem se tornar novos usuários da biblioteca (BIBLIOTECAS, 2013).

De acordo com Nassi-Calò (2013), o uso de redes sociais em comunicação científica pode ser assim resumido:

- as redes sociais podem ser usadas para selecionar informação relevante como filtros de conteúdo;
- redes sociais estão sendo utilizadas por editores e publishers para recomendar e avaliar artigos e outros conteúdos científicos, antes restrita a ambientes científicos e instituições de pesquisa;
- as redes promovem interação entre todos os atores envolvidos no processo de comunicação científica - publishers, editores, autores, leitores, e peer reviewers, levando a ações cooperativas;
- redes sociais oferecem uma nova perspectiva para medir impacto científico que vai além das citações, como referências compartilhadas, número de acessos e downloads logo após a publicação, diminuindo o tempo de contagem de citações (2-5 anos);
- redes sociais também provêem novas possibilidades para a comunicação científica, gerando novas formas de disseminação.

Corrêa usa o termo “consumidor 3.0”, para o sujeito que utiliza dispositivos eletrônicos para resolver suas questões de informação, fazendo buscas a partir de *smartphones* ou *tablets* conectados à Internet, independentemente de estar presencialmente em seu local de trabalho ou de estudos. Este “consumidor” usa motores de busca como o Google para baixar textos e documentos de seu interesse (CORRÊA, 2016, p. 63).

Em contraponto a isso, Correa apresenta a realidade das bibliotecas, uma realidade analógica de empréstimo de livros. Assim, as bibliotecas precisam reinventar-se a fim de acompanhar as transformações da sociedade digital, e isso exige muito mais uma revolução de atitude do que uma revolução tecnológica (CORRÊA, 2016, p. 65).

Para a autora, as bibliotecas deveriam se transformar em lugares de aprendizado ativo, experimental, com espaço para o diálogo e a criatividade coletivas. Experiências como as de coworking e makerspaces já são realidade em muitos lugares mundo afora e estão apenas começando a ser consideradas no Brasil (CORRÊA, 2016, p. 66).

Por tudo isso que foi exposto até aqui, a Biblioteca do Campus Osasco da Unifesp criou um Blog em agosto de 2011. Inicialmente teve como preocupação a divulgação de uma feira de livros que ocorreu naquele ano bem como algumas matérias relacionadas à periódicos de acesso livre que havia nas áreas da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios (EPPEN) da Unifesp.

Após esse momento inicial, e objetivando levar a informação até os usuários quebrando o paradigma da Biblioteca que aguarda a vinda deles, iniciou-se a divulgação de notícias relacionadas aos cursos da EPPEN, além de matérias de divulgação de produtos e serviços da Biblioteca, algumas notícias de interesse público (como transporte e saúde pública), tecnologia voltada aos negócios entre outras.

Além disso, em maio de 2013 foi criada a página da Biblioteca no Facebook, visando disseminar informações e notícias entre o público da Biblioteca, a qual percebeu-se à época que era em sua maioria usuária dessa rede social.

3 Materiais e métodos

Para desenvolver este trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, levantando a literatura já produzida sobre o tema, analisando alguns conceitos básicos para os nossos questionamentos (redes sociais, intelectuais coletivos, análise de redes sociais). Também fizemos um estudo quantitativo ao analisarmos as métricas do blog da biblioteca (número de acessos e localização geográfica dos acessos).

As métricas aqui descritas foram retiradas tanto da página de administrador do blog (feitas pelo blogger) quanto do Google Analytics, ao qual se iniciou as estatísticas a partir do ano de 2014.

4 Resultados parciais/finais

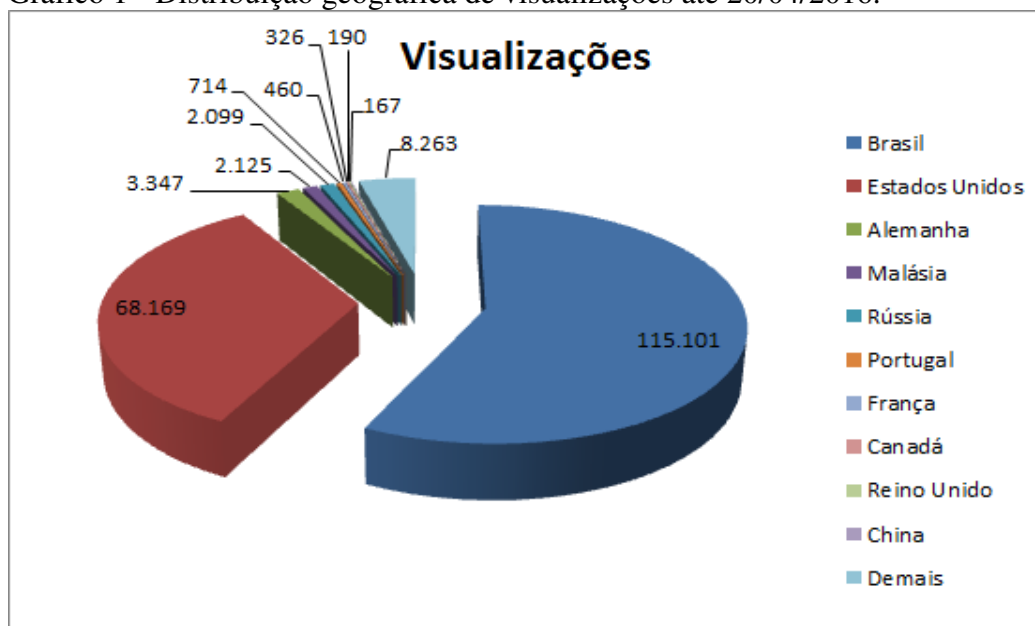
No espaço do saber, cada descoberta é uma criação. Centro de produção e de apreciação das qualidades, não se deixa reduzir nem a flutuações, nem a distribuições de quantidades. No Espaço do saber, conhecer é, em um mesmo movimento, redefinir sua identidade, observar e modificar configurações dinâmicas, entregar-se a uma dialética da avaliação, da decisão e da reavaliação permanente dos critérios de avaliação. O instrumento de conhecimento do Espaço do saber (...) não objetiva nada: serve de ponto de apoio a uma perpétua retomada dos processos de criação e de significação. Ferramenta de conhecimento de si e de valorização das possibilidades incita ao exercício da liberdade (LÉVY, 2007, p. 175).

O espaço biblioteca e a forma livro como estruturas dos processos de organização, disseminação e uso da informação estão sendo confrontados com formas inovadoras de digitalização e virtualização dos registros do conhecimento e da cultura.

Os processos sociais de generalização e intensificação do uso da informação nas dinâmicas produtivas e organizacionais demandam colaboração dos que trabalham com informação. A informação está em toda parte, e a necessidade de saber trabalhar com ela também. Este duplo movimento parece estar produzindo não apenas importantes oportunidades para a Biblioteconomia, mas também inovações nas práticas profissionais e nas bibliotecas juntamente com as redes sociais.

Nesse sentido, em agosto de 2011 foi criado o blog da Biblioteca. Sua criação inicialmente teve em vista somente a comunidade usuária da Biblioteca, mas, como a internet ultrapassa fronteiras, com o Blog ocorreu o mesmo: dentre os 10 países em que ele obteve maiores visualizações estão o Brasil (como seria o natural), Estados Unidos, Alemanha, Malásia, Rússia, Portugal, França, Canadá, Reino Unido e China, além de mais 90 países, de todos os continentes. Considerando-se que a Organização das Nações Unidas (ONU) é composta por 193 países membros, o Blog da Biblioteca do Campus Osasco da Unifesp já obteve visualizações em mais de 50% dos países membros da ONU.

Gráfico 1 - Distribuição geográfica de visualizações até 20/04/2016.



No Gráfico 1 pode ser conferida a distribuição geográfica das visualizações considerando-se os 10 países com maiores números delas bem como a soma dos demais (cerca de 90 países compõem essa estatística).

Até o presente momento (segunda quinzena de abril), ele possui quase duas mil e oitocentas (2.800) postagens e pouco mais de duzentas mil (200.000) visualizações.

Em maio de 2013 foi criada a página da Biblioteca no Facebook, pois percebemos que essa rede social é amplamente utilizada pela nossa comunidade de usuários. Além de dar publicidade às notícias veiculadas pelo Blog, traz também outras matérias de interesse dos usuários, tais como tecnologia, publicações sobre estágios, de interesse público, além dos serviços da Biblioteca. Possui cerca de 500 a 1.000 visualizações por semana, tendo sido curtida por cerca de 700 pessoas.

5 Considerações parciais/finais

Existem muitos trabalhos sobre redes sociais em Bibliotecas sendo realizados em países diferentes e ter acesso a esses exemplos de práticas são fundamentais para a melhoria dos serviços e do perfil dos profissionais de Biblioteconomia no Brasil. Além disso, com esse acervo de informações, é possível criar um bibliotecário atualizado e mais informado das possibilidades da sua área.

De acordo com Aguiar (2012, p. 64) as interações sociais propiciam a formação de redes com pontos de convergência para a troca de informações. Dessa forma, acredita-se que as redes sociais poderiam atuar, principalmente, como um canal de comunicação entre a biblioteca e seus usuários e vice-versa, bibliotecas e outras bibliotecas, e até mesmo entre os próprios usuários entre si. Isso pôde ser observado em nossas redes sociais, pois elas servem de canal para que os usuários possam entrar em contato, tirar dúvidas, fazer sugestões, e, em dados momentos, outros usuários respondiam e ajudavam a quem tivesse dúvidas.

Isso é um exemplo de como a biblioteca pode ser parte de intelectuais coletivos e deixar de ser um mero depósito de livros. As bibliotecas nas redes sociais são mais uma forma de colaborar ativamente na construção do conhecimento de todos que conseguem acessá-la. Sendo mais um canal de acesso para fomentar a inteligência coletiva.

6 Referências

AGUIAR, G. A. de. **Uso das ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias: um estudo exploratório na UNESP, UNICAMP e USP**. 184f. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo), ECA/USP, São Paulo.

ALGULIYEV, Rasim et al. Extraction of social networks in modern digital library environment. **Economics & Sociology**, v. 8, n. 1, p. 308-317, 2015. Disponível em: <<http://search.proquest.com/docview/1696717941?pq-origsite=gscholar>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (org.). **Antropologia das Sociedades contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987. p. 159-194

BIBLIOTECAS de universidades públicas usam redes sociais, **Notíciasbr**, 21 maio 2013. Disponível em: <<http://www.noticiasbr.com.br/bibliotecas-de-universidades-publicas-usam-redes-sociais-106294.html>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 241 p.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Fernando Henrique (pref.). **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 698 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. I).

CORRÊA, E. C. D. Consumidor de informação 3.0. In: PRADO, Jorge do (Org.). **Ideias emergentes em Biblioteconomia**. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 60-68. Disponível em: <<https://ideiasemergentes.files.wordpress.com/2016/03/ideiasemergentesembiblioteconomia1.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da. Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010, **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 71-89, jan./abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a8.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

DUDZIAK, Elizabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15970.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A universidade e a “sociedade da informação”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 225-242, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://143.106.108.14/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/510/pdf_11>. Acesso em: 17 abr. 2016.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Edições Loyola: São Paulo, 2007.

MANESS, J. M. Teoria da Biblioteca 2.0: web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 43-51, jan./abr. 2007.

MARTELETO, R. M. **Informação, saúde e redes sociais**: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

MARTINHO, C. **Redes**: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasil: WWF, 2003.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MONDINI, Luis Cesar et al. Redes sociais digitais: uma análise de utilização pelas instituições de ensino superior do sistema ACADE de Santa Catarina. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 11, n. 1, p. 48, 2012. Disponível em: <<http://search.proquest.com/docview/1020713079?pq-origsite=gscholar>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

NASSI-CALÒ, L. Indexação: passo a passo. In: CURSO DE EDITORAÇÃO CIENTÍFICA, 21., SEMINÁRIO SATÉLITE PARA EDITORES PLENOS, 7., 2013, São Paulo. **Anais...** Disponível em:



XIX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA COMO AGENTE DE SUSTENTABILIDADE INSTITUCIONAL

<http://www.abecbrasil.org.br/novo/eventos/xxi_curso/palestras/quinta/LilianCalo.pdf>.
Acesso em: 15 abr. 2016. Slide 25.

PRÍNCIPE, E. Comunicação científica e redes sociais. In: ALBAGLI, Sarita. **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p. 198-218 Disponível em:
<<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1020>>. Acesso em: 24 mar. 2016.